

CARTOGRAFANDO DESIGUALDADES: O USO DO GOOGLE MAPS NA VISUALIZAÇÃO E COMPREENSÃO DA SEGREGAÇÃO URBANA

Isaac Lucas da Silva ¹
William Macksuel Almeida Melo ²
Sandro Maciel dos Santos ³
Josicleiton Gomes da Silva ⁴
Maria Ediney Ferreira da Silva ⁵

INTRODUÇÃO

Marcado por significativas desigualdades, o espaço urbano revela sua tensa e densa rede de articulações entre as áreas periféricas e centrais das cidades brasileiras. Inúmeras desigualdades desvelam uma fragmentação espacial, ocasionadas pelas especulações imobiliárias e pelo alto valor do solo urbano. Assim, as áreas periféricas são expropriadas de direitos, enquanto outras recebem aparatos suficientes para assegurar que a população residente tenha acesso à mobilidade, infraestrutura, moradia e outros aspectos essenciais que asseguram uma reprodução de vida digna.

Para Villaça (2001, p.21), a segregação socioespacial pode ser definida como uma tendência à concentração de determinados grupos sociais em áreas específicas, portanto, sem haver exclusividade de ocupação por parte desse grupo. Contudo, torna-se relevante lembrar que a segregação socioespacial não se limita apenas a uma questão de localização geográfica, mas também pela distribuição de acesso a serviços básicos como a educação, saúde, transportes e demais aparatos que materializam a reprodução da privação e geram um sentimento de desesperança nas comunidades periféricas.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, isaac.silva.2021@alunos.uneal.edu.br;

² Graduado pelo Curso Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, william.melo.2021@alunos.uneal.edu.br;

³ Graduado pelo Curso Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, sandro.santos.2021@alunos.uneal.edu;

⁴ Graduado pelo Curso Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, josicleiton.silva.2022@alunos.uneal.edu;

⁵ Professor orientador: Profa.Dra Maria Ediney Ferreira da Silva, Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, Maria.ediney@uneal.edu.br.

Diante dessa apreensão, o presente estudo se propõe a analisar áreas periféricas de Penedo/Al, com foco nos Conjunto Mata Atlântica I, Conjunto Mata Atlantica II, Conjunto Vale do Marituba, Conjunto Velho Chico I, Conjunto Velho Chico II, Conjunto Cidade do Povo e Conjunto Nilo Menezes, comparando-as com as áreas privilegiadas, como o Centro da cidade e o Bairro Estelar, para compreender como as representações visuais dessas áreas disponíveis pelo Google Maps, em particular a funcionalidade do Google Street View, refletem e reforçam a segregação socioespacial.

Situada às margens do Rio São Francisco, Penedo é uma cidade histórica, polo econômico e cultural de Alagoas, que tem como principais atividades econômicas o comércio varejistas, indústria sucroalcooleria e o setor público como principal empregador de uma população com pouco mais de sessenta mil habitantes (IBGE2010).

Pensar como se dá o modo de ocupação dentro de uma sociedade capitalista, significa compreender as subdivisões que coexistem nos diferentes espaços, caracterizado pelas diferentes formas de uso, consumo e produção. Embora o espaço urbano pareça homogêneo, criando paisagens visíveis para todos, ele se revela fragmentado à medida que os diferentes atores, empresariais e sociais, manifestam suas influências e moldam de modo a criar áreas de desenvolvimento acelerado e outras onde o progresso é praticamente inexistente.

Conforme destacado por Corrêa:

O espaço urbano capitalista – fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campos de lutas – é um produto social, resultado de ações acumulativas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem o espaço (CORRÊA, 1989, p.11).

A partir deste recorte espacial, a pesquisa buscou analisar uma composição de imagens oriundas do aplicativo Google Maps, com o objetivo de evidenciar a segregação espacial através da falta de atualizações de imagens das áreas periféricas da cidade, fator que acaba por construir narrativas visuais que não refletem as constantes mudanças do espaço urbano e reforçam a invisibilidade e estigmatização dessas áreas.

As imagens das áreas periféricas surgem com um atraso de mais de uma década, enquanto as dedicadas as áreas “nobres” são frequentemente atualizadas e refletem um período recente. Esse contraste levanta questões significativas: O que essas imagens perpetuam? Como contribuem para a marginalização da população que ali residem, visto que as regiões nobres tem suas transformações visivelmente documentadas,

permitindo com que os usuários visualizem uma percepção de progresso e valorização que não é estendida igualmente a toda cidade.

Em um contexto urbano, marcado por profundas desigualdades, é crucial compreender não apenas como essas disparidades se refletem, mas também como as imagens que captam essas realidades contribuem na construção de uma narrativa de como as diferentes áreas são percebidas e tratadas. Nesse sentido, lançar discussões construtivas e direcionadas é essencial para reverter essas representações e promover uma sociedade mais equitativa.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O lócus da pesquisa se concentrou nas áreas periféricas da cidade de Penedo, localizada no estado de Alagoas. Para o desenvolvimento da mesma, se fez uso de uma abordagem qualitativa, utilizando o espaço urbano como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento chave. Os resultados serão apresentados por meio de análises de registros fotográficos, fundamentados em teóricos que exploram a produção do espaço urbano e a dinâmica da segregação espacial. De posse de tais bibliografias, realizou-se reuniões para discussão de textos e produção de materiais de apoio (fichamento, resumo, etc.)

Inicialmente, foram selecionadas áreas periféricas de Penedo com o objetivo de identificar as diferentes representações disponíveis no Google Maps, se concentrando na estagnação das imagens ou em sua atualização ao longo do tempo.

Para analisar os aspectos de segregação socioespacial, utilizou-se o Google Maps como ferramenta de estudo devido a sua acessibilidade e capacidade, em particular da funcionalidade do Google Street View, em explorar praticamente qualquer localidade ao digitar um endereço ou coordenada geográfica na barra de pesquisa, permitindo ao usuário “caminhar” virtualmente pelas ruas e conhecer diferentes bairros de maneira realista e imersiva sem a necessidade de um deslocamento físico, permitindo uma análise detalhada das áreas periféricas e nobres da cidade.

Utilizando registros fotográficos como principal método de documentação, juntamente a coleta de imagens do Google Street View, buscou-se identificar e comparar a atualização das possíveis áreas que evidenciavam disparidades por meio das representações visuais em diferentes localidades. A pesquisa se concentrou no Conjunto

Mata Atlântica I, Conjunto Mata Atlantica II, Conjunto Vale do Marituba, Conjunto Velho Chico I, Conjunto Velho Chico II, Conjunto Cidade do Povo e Conjunto Nilo Menezes. Nessa etapa, foram reunidos os dados coletados por meio da plataforma e observações diretas.

Por fim, foi realizado uma análise efetiva da coleta dos registros com o objetivo de identificar a frequência das atualizações fotográficas em áreas periféricas e nobres da cidade de Penedo. Nessa etapa buscou-se entender como as representações visuais podem moldar a percepção pública, influenciando a forma como diferentes regiões da mesma cidade são vistas, e como essas representações negativas afetam o sentimento de pertencimento, contribuindo para um sentimento de marginalização e desvalorização.

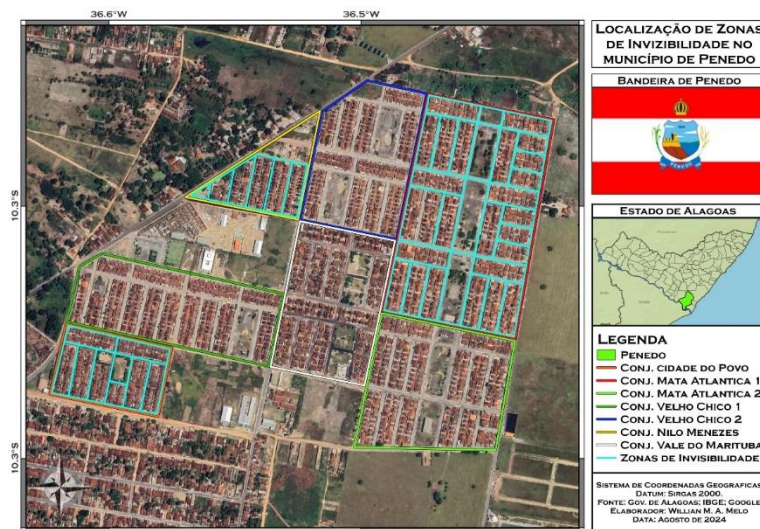
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os bairros utilizados como objeto de análise se diferem significativamente em termos de classes sociais, formas de uso e apropriação da paisagem urbana. O Conjunto Mata Atlântica I, Conjunto Mata Atlantica II, Conjunto Vale do Marituba, Conjunto Velho Chico I, Conjunto Velho Chico II, Conjunto Cidade do Povo e Conjunto Nilo Menezes estão localizados em áreas periféricas da cidade e apresentam diferentes formas de ocupação, vivência e de modo geral, afastadas do centro da cidade.

Além das diferenças estruturais, existe uma dimensão subjetiva que se manifesta através do sentimento de abandono e desconexão dos moradores, tanto com o próprio bairro quanto ao resto da cidade, desvelando uma segregação que vai além do espaço físico. Essa dimensão torna-se ainda mais evidente quando observamos a falta de cobertura dessas regiões no Street View, reafirmando uma exclusão que se apresenta no mundo real quanto no digital, afinal, o que não é mapeado, para muitos simplesmente não existe, dificultando ainda mais a integração dessas comunidades ao tecido urbano mais amplo.

Figura 1 – Mapa de Localização do Estudo. Em destaque os bairros presentes no Street

View



Fonte: MELO William M. Almeida, 2024.

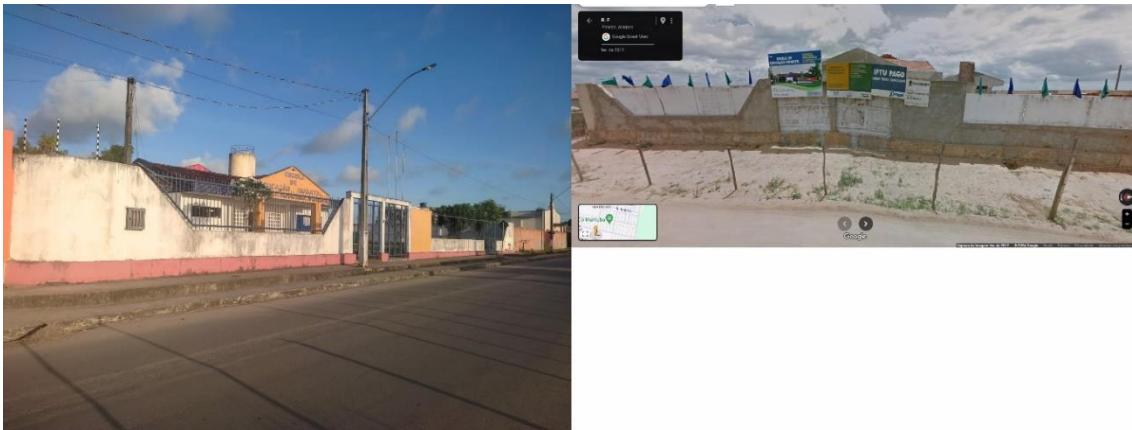
Inaugurado em setembro de 2011, o Conjunto Mata Atlântica I foi construído como parte do programa Federal Minha Casa Minha Vida que buscou atender à demanda por habitações mais acessíveis para as famílias de baixa renda, com um investimento que resultou no atendimento de 495 famílias.

No entantado, cerca de 11 anos após sua inauguração, o Conjunto Mata Atlântica II ainda enfrenta desafios típicos das áreas periféricas. Apesar de estar presente nas representações do Google Maps, o conjunto é um dos poucos que estão presentes no Google Street View, mas com imagens que datam de 2012, antes mesmo da inauguração completa do conjunto.

A análise do mapa revela uma significativa ausência do Google Street View em diversos bairros e os poucos que dispõem dessa funcionalidade, como o Conjunto Cidade do Povo, Nilo Menezes e Mata Atlântica I, apresentam imagens datadas do ano de 2012, período em que as habitações ainda estavam em fase de construção.

A falta de atualizações não é apenas um detalhe técnico, mas desvela uma dimensão que não é imediatamente visível, mas que exerce um impacto profundo e duradouro na percepção distorcida da realidade dessas áreas. A percepção de estagnação e descuido é frequentemente associada às áreas onde as imagens permanecem desatualizadas no Google Maps, mesmo que estas possam estar passando por mudanças e melhorias significativas, causando uma percepção de abandono e um sentimento de desconhecimento da realidade associado às áreas com imagens desatualizadas.

Figura 2 – Conjunto Velho Chico 1

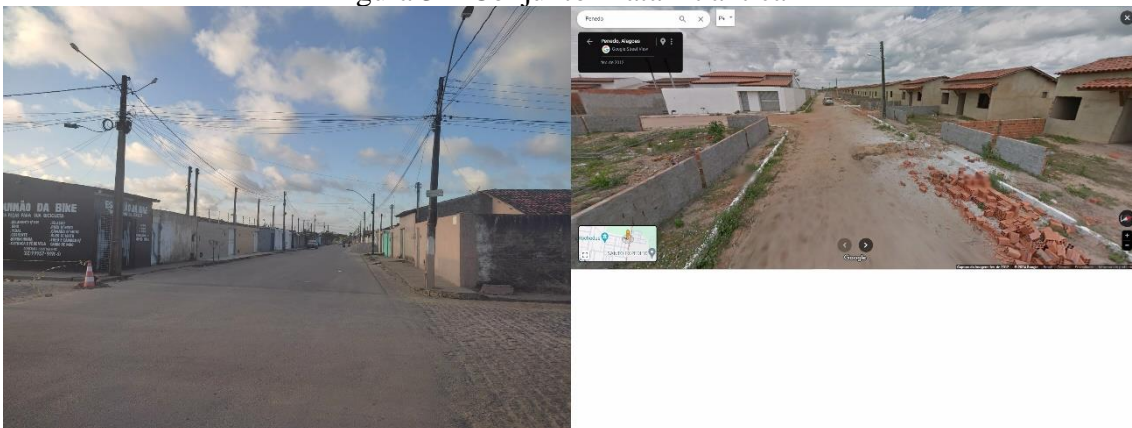


Fonte: Autoral

Conforme observado por Whitacker (2006, p.136), a consciência da desigualdade só é percebida quando há comparação e contato direto com o outro. Sem essa interação, o desconhecimento coletivo prevalece, normalizando a exclusão de certas áreas e de seus moradores, reforçando estereótipos e dificultando o conhecimento das dinâmicas que condicionam o espaço urbano.

O desconhecimento do coletivo para grandes parcelas da população torna “naturais” as diferenças sociais e com isso, a segregação também é assim vista. A ótica para o diferente é a do estranhamento, pois a consciência de que a diferença existe só se dá se for possível a comparação e o contato (WHITACKER, 2006, P.136).

Figura 3 – Conjunto Mata Atlântica 2



Fonte: Autoral

Em uma sociedade onde o contato com diferentes grupos sociais é limitado por barreiras geográficas ou simbólicas, a sub-representação ou má representação em plataformas como o Google Street View constroem uma narrativa distorcida da realidade existente nesse espaço, velando as verdadeiras transformações desses espaços e consequentemente consolidando sua marginalização socioespacial

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa realidade é dominada por imagens, dia a dia somos surpreendidos por inúmeras formas de analisar e ver o espaço. A dimensão visual, em especial as imagens, influenciam profundamente a forma como percebemos, entendemos e nos relacionamos com estes, em especial os lugares que habitamos. Os mapas e imagens digitais, como os disponibilizados pelo Google Street View, são apresentados quase que instantaneamente, em sintonia com a fluidez e mobilidade exigida pelos espaços urbanos. Esse ritmo, contudo, contrasta com o ritmo adverso com o qual o espaço das áreas periféricas são dados a ver e conhecer os lugares mapeados.

Considerando que o espaço urbano se caracteriza como um campo de forças em constante disputa, ao oferecer uma visualização parcial e muitas vezes incompleta as áreas periféricas, já marginalizadas geograficamente, se tornam ainda mais invisíveis. A falta de imagens no Google Street View é, portanto, mais do que uma questão técnica; é um sintoma de uma desigualdade mais profunda, que afeta a visibilidade e a representação das áreas marginalizadas. Essa exclusão digital reflete e reforça a divisão socioespacial da cidade, ao mesmo tempo que limita o acesso a informações essenciais para o planejamento urbano, a mobilidade e a segurança.

Em Penedo, a realidade revela paisagens diferenciadas sob diversas formas, histórias, potencialidades e dinâmicas, entretando, a riqueza desses locais se diluem quando confrontadas com as representações digitais que tendem a reduzir a pluralidade a superficialidade. Essa fragmentação é sentida na forma como esses espaços são percebidos e valorizados, tanto pelos próprios moradores quanto por aqueles que estão de fora.

Palavras-chave: Invisibilidade urbana; Mapeamento, rugosidade, Segregação, Tecnologia Geoespacial.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, R. L. O espaço urbano. 2ed. São Paulo, 1989 Perspectivas sobre o urbano e o rural, In: SPOSITO, M. E. B. e WHITACKER, A. M. Cidade e Campo:

relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

VILLAÇA, F. Espaço Intra-Urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, 1998. 373p